

ESSENCIAL

Essência, substantivo feminino, é o que constitui a natureza das coisas, diz o dicionário. O que é o mesmo que dizer que essência é o que é, visto que a natureza de uma coisa é ser o que é. Estarei, Senhor, dizendo parvoíces? Sempre tive medo de me arriscar pelos páramos traiçoeiros da metafísica, onde meu espírito dá voltas pensando que está marchando em frente e anda para trás quando crê que está se detendo em um ponto.

Não nasci especulativo; sou um homem tão escravo das sensações e da matéria que até desanimo quando por acaso começo a meditar em algum sentimento meu; cuido-me apaixonar por uma alma, e ao fim estou obsecado por uns joelhos. A "coisa em si" me confrange, e só o meditar em sua natureza me chche de tédio e sono; meu reino é o das formas, e minhas realidades são tôdas as ilusões da côr e da luz. Invejo os puros, mas não chego a entendê-los; e outro dia, lendo uma linda carta que uma leitora, a mística Maria, me escreveu, senti-me tão grosseiro que até me envergonhei.

Mas, como eu ia dizendo, o bacalhau... Não vejo que ainda não me referi aqui ao bacalhau. Eu estava falando da essência, que é a natureza das coisas, deixei-me levar pelas palavras, e me esqueci do bacalhau. Um dos princípios do jornalismo moderno é entrar logo no assunto, dizer na primeira linha o que houve; se eu não fôsse um velho foca deveria cortar todo este trecho de crônica já escrito e começar assim: a Cexim incluiu o bacalhau entre as mercadorias essenciais.

Será essencial? Deixemos de lado definitivamente a essência, ou natureza das coisas, e meditemos sobre o que é essencial. Somos um país pobre e desorganizado, vendemos pouca coisa ao estrangeiro, estamos cheios de dívidas, o câmbio anda em demasia ruim, não podemos gastar divisas comprando coisas de luxo, ou dispensáveis. Está claro que em certos casos temos de aceitar certas mercadorias para podermos vender as nossas; mas fora disso manda a prudência fazer uma lista do que é essencial, isto é, do que devemos comprar a todo custo; e nessa lista a Cexim incluiu o bacalhau.

Não tenho nada contra o bacalhau, e até muito a favor; amo-o à portuguesa, assim como em fritada ou à nordestina, ao leite de côco; e é da melhor tradição católica das boas famílias brasileiras de origem lusitana comer bacalhau às sextas-feiras. Assim pois seria possível dizer que o bacalhau é essencial — às sextas.

Seria possível, mas não é: a alta de seu preço fez do bacalhau um prato de luxo, ou gala, tornando obsoleto o velho modo de dizer — "para quem é, bacalhau basta". A guerra desmentiu a essencialidade hebdomadária do bacalhau, peixe cuja função principal hoje será a de alimentar alguns dos mais gordos e honrados tubarões desta praça.

Sr. Coriolano de Góis: abro mão, patrioticamente de minha cota de bacalhau, em benefício da Pátria. O bacalhau, no fundo, é essencial, apenas à bacalhoadá; ainda assim vos direi que já comi uma grande bacalhoadá de pirarucu na casa do Lúcio Rangel, feito por dona Maria Custódia, que estava um primor. Façamos pois, austeridade; austeridade com pirarucu não é difícil. Principalmente quando a Cexim nos garante o fornecimento de mercadorias verdadeiramente essenciais, como o louro uísque e o filé de enxovas com alcaparras, no azeite de oliveira. Sr. Góis: morra o bacalhau, e viva a Pátria. Adeus.

25/6/53

R. H.